

CONCEITOS DA PSICANÁLISE

Fobia



viver
mente&cérebro

IVAN WARD

CONCEITOS DA PSICANÁLISE

Fobia

IVAN WARD

Editor da série
Ivan Ward

viver
mentaisocorro

tt
Duetto



Relume Dumară

Ideas in Psychoanalysis – *Fobia* foi publicado no Reino Unido em 2000 por Icon Books Ltd., The Old Dairy, Brook Rd, Thriplow, Cambridge SG8 7RG
Copyright do texto © 2001 Ivan Ward

Conceitos da Psicanálise – O Inconsciente é uma co-edição da Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda. com a Relume Dumará Editora.

Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda.: Rua Cunha Gago, 412, 3º andar, São Paulo, SP, CEP 05421-001, telefone (11) 3039-5633.

Relume Dumará Editora: Rua Nova Jerusalém, 345, Bonsucesso, Rio de Janeiro, CEP 21042-235, telefone (21) 2564-6869.

Copyright da edição brasileira © 2005 Duetto Editorial

Indicação editorial

Alberto Schprejer (Relume Dumará Editora)

Coordenação editorial da série brasileira

Ana Claudia Ferrari e Ana Luisa Astiz (Duetto Editorial)

Tradução

Tuca Magalhães

Edição

Carlos Mendes Rosa

Preparação de texto

Cristina Yamazaki

Revisão

Eliel Silveira Cunha

Capa

Foto de fundo de Richard Jordan

Diagramação

Ana Maria Onofri

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

W232f Ward, Ivan
Fobia / Ivan Ward ; tradução Tuca Magalhães. – Rio de Janeiro : Relume : Ediouro : Segmento-Duetto, 2005
(Conceitos da psicanálise ; v.2)

Tradução de: Ideas in psychoanalysis : phobia
ISBN 85-7316-426-3

1. Fobia. 2. Psicanálise. I. Título. II. Série.

05-1922.

CDD 616.8522
CDU 616.89-008-441.1

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de nenhuma forma e por nenhum meio sem autorização expressa e por escrito da Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda.

UMA PONTE LONGE DEMAIS: A REAÇÃO FOBICA

Imagine que você vai cruzar a ponte Hungerford, em Londres, com alguém que sofre de gefirofobia – medo de atravessar pontes. Ao sair da estação subterrânea e subir os degraus de pedra que levam à ponte, a pessoa que está com você começa a falar com nervosismo porque vai ter de cruzá-la. Chegando à ponte, o corpo do seu acompanhante começa a se enrijecer, com a cabeça imóvel e o olhar fixo à frente. Depois de poucos passos, ele começa a suar e segura a sua mão, apertando-a cada vez mais forte à medida que você o leva pela ponte. Você repara que ele não con-

A ponte Hungerford cruza o rio Tâmisa e tem uma extensão de 320 metros.

segue deixar de olhar pelo canto do olho para a água lá embaixo, sobretudo para o vão entre a passarela de pedestres e a ponte do metrô a que ela se liga. Sinais evidentes de pânico dominam o seu amigo quando vocês chegam ao meio da ponte: muito suor, respiração ofegante, taquicardia, músculos retesados e olhos arregalados de medo. Você tenta dizer algo para acalmá-lo. “Fique quieto!” – diz ele. Toda a energia dele se concentra no que tem de fazer. De repente, solta todo ar dos pulmões e relaxa o corpo. Afrouxa o aperto na sua mão e começa a andar com mais confiança. “O que aconteceu?” – pergunta você. “Fico bem quando passo da metade”, diz ele – e você não pára de pensar como é que surge uma fobia dessas.

BALBÚRDIA: A CIÊNCIA DO IRRACIONAL

A maioria das pessoas não questiona por que uma criança tem medo do escuro ou por que uma pessoa detesta tomate. Passamos por cima da resposta emocional e do suposto estímulo. “Detesto tomate.” Damos a essa frase simples uma relação causal entre a resposta psicológica contida em “detestar” e o

estímulo alimentar contido em “tomate”. Se alguém perguntasse por quê, ficaríamos constrangidos, sem querer que ninguém se meta tanto nas preferências e nas aversões que temos. Freud percebeu que a suposta relação de causalidade era pouco mais que uma ilusão. Para ele, os estímulos – *inputs* – e as respostas – *outputs* – de fato não “faziam sentido”. Ao questionar a relação entre “estímulo” e “resposta”, ele descobriu a influência de fatores inconscientes na mente.

Ernest Jones, seguidor e biógrafo de Freud, relacionou três situações em que as coisas não faziam sentido na fisiologia e na psicologia das reações de angústia:

1. “Desproporção entre o estímulo externo e a resposta”.
2. “Discrepância entre as manifestações corporais e mentais”.
3. “Desarmonia interna” ao corpo ou à própria mente.

A primeira delas é a mais óbvia. Nós a encontramos em algumas das maiores criações literárias. Os estudiosos passaram horas a fio debatendo o porquê

da preocupação e da reação exageradas de Hamlet diante da morte do pai. Ele não percebia que um dia os pais morrem? A reação de Hamlet é bastante desproporcionada em relação aos fatos apresentados, e esse é, segundo T. S. Eliot, um dos motivos por que *Hamlet*, de William Shakespeare, não é uma obra-prima. Não faz sentido. É desproporcionada. Não existe nenhum “correlativo objetivo” que lhe dê sentido.¹ Mas o que para Eliot é uma falha artística é para Freud uma prova do inconsciente. A desproporção entre o estímulo da experiência e a reação exagerada é justamente o que indica a influência de outro nível de significado e determinação, tanto no texto como no leitor.

E pode-se dizer o mesmo das fobias. Ao declarar o óbvio – atravessar uma ponte não é desafiar a morte – a psicanálise justifica seu conceito de inconsciente e seu método de investigação pela associação livre. Contudo, se você morre de medo de atravessar uma ponte, deve estar acontecendo alguma outra coisa.

E se o perigo fosse real? Suponha que houvesse balas cortando o ar, bombas caindo e granadas explodindo

ao seu redor. Escrevendo no período entre as guerras, Ernest Jones não foi muito indulgente. “Quanta aflição, por exemplo”, pergunta ele,

se poderia considerar normal em alguém que esteve sob bombardeio aéreo durante a guerra ou, sobretudo, em alguém que esteve na situação aterradora da própria frente de batalha, sem associar ambos a fatores patológicos?

Entusiasmado-se, continua ele:

Nesses casos, a generosidade tende a fazer concessões importantes diante da situação e a considerar as respostas de angústia naturais e inevitáveis, o que talvez um estado de espírito mais crítico examinasse com mais rigor.²

Isso pode parecer insensível; e insinua também uma mudança de foco. Pouco mais de uma década depois, Anna Freud abriu creches residenciais para crianças que haviam sobrevivido a bombardeios na Segunda Guerra Mundial. Ela descobriu que o fator traumático para as crianças não haviam sido as bombas e a des-

truição da casa em que moravam, mas terem sido separadas dos pais e se preocuparem com eles.³

O segundo ponto é menos fácil de notar. Existe algo errado entre a mente e o corpo. Eles não parecem seguir o mesmo roteiro. Um político pode fazer um discurso muito comedido numa reunião do seu partido e mesmo assim ficar molhado de suor ou sentir o coração acelerado. O medo não está na mente dele. O corpo é que transpira medo por todos os poros. Ou digamos que você leve a um parque de diversões uma criança que está ansiosa pela volta “aterrorizante” num brinquedo que ela viu antes ou de que lhe falaram. É aterrador de verdade. Você percebe que a fala excitada dela não alivia a tensão; ao contrário, a ansiedade da espera aumenta ainda mais. Ela fica nervosa. Os sinais de medo crescem enquanto vocês esperam na inevitável fila. Ela não quer entrar no brinquedo; quer ir para casa. Está assustada demais. Usando a abordagem de Ernest Jones, você diz: “Não seja trágica. Controle-se, sua bobinha”, e puxa-lhe a orelha. Depois de arrastar a criança para o brinquedo – você não perderia quase uma hora na fila à toa –, percebe que, longe de estar

tornada de medo, a criança dá gritinhos e tem reações que lembram excitação, prazer. “Vamos de novo?” – pergunta ela ao sair do brinquedo.

Em outro livro desta coleção, Graham Music conta uma experiência em que algumas mães de repente deixam os filhos pequenos numa sala. Alguns choram e ficam irritados, outros nem notam que a mãe saiu ou voltou.

Porém, ao medir o batimento do pulso, a adrenalina e o nível de cortisona dos dois grupos, todas [as crianças] reagiram de modo parecido quando a mãe desaparece.⁴

A terceira discrepância identificada por Ernest Jones é uma espécie de fragmentação das faculdades mentais. Ele a chama de “desco-ordenação” da própria mente e observa que ocorre uma mistura curiosa de superexcitação e paralisia quando se está de fato ameaçado. Ao caminhar pela ponte, meu amigo não fica paralisado nem sai correndo. Seu corpo está a um só tempo retesado e impassível, mas agitado. Ele se sente ansioso. A cabeça parece girar. Ele não está pronto

para agir; está pronto para implodir. Está aterrorizado com alguma coisa, mas sua atenção não está voltada para nenhum perigo identificável. Ele se encontra num estado mental esquisito, que não faz sentido porque sua vida não está ameaçada. Não faz sentido no que se sabe sobre a seleção natural.

A reação fóbica contém elementos de todas as incompatibilidades, discrepâncias e incoerências a que Ernest Jones se refere. As fobias não “fazem sentido”. São um medo *irracional*. E é essa característica peculiar que a torna acessível à ciência do irracional – a psicanálise.

CHARLES E ALFRED: TEORIAS DA FOBIA

Não é fácil dizer por que, em determinada situação, surge uma fobia e não uma inibição, ou um sintoma somático ou um estado difuso de angústia. Os acontecimentos psíquicos têm muitas causas – “superdeterminadas”, como Freud as classifica. Para qualquer resultado no desenvolvimento existe um jogo complexo de forças que querem se manifestar, e é impossível prever como um dado cairá. Contudo,

as fobias e os fenômenos fóbicos são típicos durante certos períodos da infância, e as fobias de adultos frequentemente podem ser identificadas em formas que as precedem. Há duas hipóteses não-psicanalíticas comuns de fobias que alcançaram o *status* de “senso comum”. A primeira é uma teoria biológica, segundo a qual as fobias – como o medo de aranhas, cobras ou lugares altos – são resquícios do nosso passado evolucionário e remontam a perigos reais enfrentados por nossos antepassados.

A maioria tem uma sensação de repugnância quando depara com uma cobra. Podemos dizer que a fobia a cobras é um traço humano universal; e Darwin contou da maneira mais impressionante possível que não pôde evitar o medo de uma cobra que o atacou, mesmo estando protegido por um vidro grosso.⁵

A concordância de Freud com esse raciocínio não deve esconder o fato de que fugir de uma cobra que dá o bote não equivale a uma fobia a cobras. As explicações genéticas também são limitadas; não con-

seguem explicar a grande variedade de fobias que realmente existem. Além disso, uma vez que transmitimos os genes de resposta apropriada a um perigo, é difícil entender como a explicação genética se aplica à curiosa incapacidade que domina uma pessoa com fobia quando se encontra diante do objeto que lhe dá medo.

A segunda hipótese não-psicanalítica é uma teoria simples de “trauma”, que ganhou credibilidade ao servir de base para uma série de televisão da BBC.⁶ Uma criança tem medo de cachorro porque, quando pequena, um cachorro pulou no seu carrinho e a assustou. Outra criança, depois de assistir ao filme *Ardida como Pimenta*, ficou com medo de que os índios atacassem sua casa. A fobia é uma resposta condicionada a uma experiência traumática. Nos filmes que Alfred Hitchcock fez depois de Freud ser conhecido, vários personagens têm fobia. A teoria do trauma é usada para explicar o motivo ou dar força à narrativa. Assim, a heroína que empresta o nome ao filme *Marnie*, *Confissões de uma Ladra* guarda o segredo de um assassinato presenciado na infância que se ma-

nifesta no seu medo de raios e da cor vermelha; em *Um Corpo que Cai*, o policial que deixara o parceiro cair e desde então sofria de medo de altura apaixonou-se pela moça errada; em *Quando Fala o Coração*, o psiquiatra sem passado teme inexplicavelmente o branco de uma toalha de mesa. Quando perguntavam ao próprio Hitchcock se ele tivera muito medo de alguma coisa, ele apenas respondia: “Sempre”.⁷ Outras vezes, contava uma história da sua infância. Hitchcock sempre tinha medo de ficar sozinho, mas aos 6 anos, depois de fazer uma travessura em casa, seu pai, severo, o mandou à delegacia com um bilhete. O zeloso policial de plantão leu o bilhete e trancou o menino numa cela por alguns minutos. A partir desse dia, Alfred ficou com medo de policiais, porém a experiência ensinou-lhe uma lição importante: não fazer nada para ser preso.

OS PASSAROS: REPRESENTANDO O MUNDO INTERIOR

A ideia do trauma parece uma explicação plausível para descobrir que, por exemplo, a fobia só se

manifesta alguns anos depois do suposto incidente traumático ou ao se saber do próprio incidente por meio dos pais. Ao localizar a fobia na situação traumática, descobre-se quase sempre um conjunto muito mais complexo de fatores. Num caso, o medo paralisante de pássaros e penas estava relacionado com o momento em que um pássaro entrou numa sala e não pôde sair. A criança estava com a avó, que não conseguiu fazer nada enquanto o pássaro voava aterrorizado pela sala, batendo em móveis e objetos e espalhando penas pelo chão. A criança também ficou aterrorizada ao ver o esforço frenético do pássaro para escapar da sala e a atrapalhão da avó em ajudá-lo.⁸ A psicanálise desenredou os elementos dessa história e lhes deu o devido peso: o fator da impotência, da ausência da mãe, do medo da avó, de que o pássaro perdeu partes do corpo, do medo de ataque, da sensação de estar preso, do pássaro como materialização da agressão, da associação dos pássaros à morte (em algumas culturas e crenças populares) etc. O incidente traumático não é visto como uma intrusão insólita nas calmaria de uma in-

fância feliz, mas como parte da história mais ampla da vida emocional da pessoa, com tormentos inevitáveis e uma torrente de sentimentos arriscada.

Os pássaros voam pela sala em *Os Pássaros*, obra-prima de Hitchcock baseada no conto da escritora Daphne du Maurier.⁹ É um drama em que o principal personagem masculino fica à margem da narrativa. Embora o pai (morto) seja significativo, são os relacionamentos das mulheres que fazem a história girar em torno do tacanho advogado “Mitch” Brenner. Como o próprio “Hitch” tinha medo de policiais e da Justiça, a mãe e os representantes do cineasta predominaram em sua vida. “Mesmo depois do casamento, muitas vezes a mãe saía de férias com ele e a esposa, e nessas ocasiões ele dava mais atenção à mãe do que à esposa.”¹⁰

No filme *Os Pássaros*, a mulher mais jovem e a mulher mais velha – a mãe – lutam pela posse do filho. Quando a *socialite* Melanie Daniels segue Mitch até a cidade natal dele, Bodega Bay, levando presentes de presente para Cathy, irmã mais moça de Mitch, leva junto uma praga de proporções bíblicas. Os pássaros agressivos comprovam algo da dinâmi-

ca emocional da história. Em geral isso é interpretado como agressão da mãe em resposta a uma ameaça representada pela sexualmente expressiva Melanie. Entretanto, com o devido respeito por Édipo, não se trata de um mero drama edipiano. A disputa de uma relação dual entre mãe e filha assume o centro do palco, assim como a vulnerabilidade e o medo de abandono da mãe.

Na cena descrita a seguir, Melanie e Annie – professora na cidadezinha e ex-namorada de Mitch – falam de Lydia, a mãe dele:

Annie: *Sabe, a atitude dela quase me enlouqueceu. Não consegui mesmo entender. Quando voltei a San Francisco, passei dias tentando descobrir o que eu tinha feito para desagradá-la.*

Melanie: *E o que você tinha feito?*

Annie: *Nada! Eu simplesmente estava viva. Então o que explicava aquilo? Uma ciumenta, certo? Uma mãe pegajosa, possessiva. (Ela balança a cabeça.) Errado. Com o devido respeito por Édipo, não acho que foi isso.*

Melanie: *E o que foi?*

Annie: *Veja, Lydia gostava de mim. Isso é que era mais estranho. Na verdade, agora que não sou mais uma ameaça, somos boas amigas.*

Melanie: *Então por que ela contestou você?*

Annie: *Porque tinha medo.*

Melanie: *Medo de que você tirasse Mitch...?*

Annie: *Não, não acho que fosse isso. Veja, ela não tem medo de perder o filho. Só tem medo de ser abandonada.*

Mas não é difícil ver as conseqüências da oposição da mãe. Mais adiante, na mesma cena, Melanie pergunta a Annie se deve ir à festa de Cathy.

Melanie: *Você acha que eu devo ir?*

Annie: *Você é quem sabe.*

Melanie: *Na verdade quem decide é a Lydia, não é?*

Annie: *Não se incomode com a Lydia. Você quer ir?*

Melanie (com voz firme): *Sim.*

Annie: *Então vá.*

A cena fica em silêncio. Melanie balança a cabeça devagar e depois sorri. [...]

De repente, um BAQUE do lado de fora rompe o silêncio, interrompendo as duas. Era o barulho de uma gaiivota que se abria contra a porta.

As quatro figuras femininas principais formam uma rede intrincada de relações: Melanie, Lydia, Annie e Cathy. Cada uma poderia ser responsável pelo ataque dos pássaros. Existe raiva contra mães (por parte de Melanie), contra filhas (de Lydia) ou contra irmãos (de Annie) e medo de abandono em todas elas. Nos pássaros há mais que pássaros: eles representam uma dimensão da vida feminina inconsciente. Mostram o conflito latente no elo mãe-filha e os perigos potenciais de relacionamento no amadurecimento. Vêm-se temas parecidos em *Branca de Neve*, *Cinderela* e muitos outros confrontos míticos entre mães e filhas.

As explicações psicanalíticas de fobia referem-se, portanto, ao mundo interior. Em particular, atribuem influência determinante a “fantasia”, “angústia” e “conflito psíquico”, sobretudo o conflito entre amor e agressão (ambivalência). Uma mulher com “fobia a vermes” não contara nenhuma experiência traumática, mas sim uma fantasia aflitiva que tivera aos 6 anos, de ter sido enterrada viva junto a vermes.

LEÃO, BRUXA E GUARDA-ROUPA: PERIGOS IMAGINÁRIOS

A descrição do meu amigo atravessando a ponte Hungerford deixa clara a fobia no que ela tem de “medo irracional”. A pessoa fóbica realmente não sabe por que tem medo, ao contrário daquela que sabe por que ri quando ouve uma piada. Parece bobo dizer: “Tenho medo de atravessar pontes”. Entretanto, faz pouca diferença para a realidade psíquica de quem tem fobia reconhecer a “irracionalidade”. Dominado de uma reação fóbica, o indivíduo encontra-se na situação peculiar de simultaneamente estar ciente e não estar ciente de algo. O objeto fóbico existe em dois registros mentais ao mesmo tempo, ambos igualmente reais para a pessoa. Ao discorrer sobre as fobias comuns na infância, Anna Freud conta a história de uma garotinha que sentia medo de leão:

*Essa criança refutava todas as garantias do seu pai de que os leões não subiriam até o quarto dela dizendo em tom queixoso: claro, o pai estava falando de leões reais que não conseguem subir, mas os leões dela conseguiam muito bem...*¹¹

Nas fobias, como em todas as neuroses, andamos na “terra de ninguém existente entre a realidade e a fantasia”¹². A criança acredita fervorosamente na realidade do símbolo fóbico, a despeito da força da sua avaliação intelectual. As crianças também podem ser tolas. Essa fraqueza prematura do intelecto da criança levou Freud a concluir que fobia não era simples medo de um objeto externo ou de uma situação da qual se poderia escapar por meio da negação, mas sim uma reação a uma ameaça localizada na mente. Uma criança que não quer ir à escola por causa das ameaças dos colegas está em situação diferente daquela que não quer ir à escola porque um pânico incipiente a domina nos portões. Esta apenas detesta a escola. No sentido descritivo, as duas têm “fobia de escola” – ambas não querem ir à escola –, porém só a segunda tem uma fobia real conforme o que Freud chama de sentido “dinâmico”, em que o medo é alimentado de dentro. No caso da criança com fobia, podemos descobrir um medo intolerável de que a mãe desapareça ou morra quando a deixar na escola. É difícil fazer distinções claras na prática, embora de um ponto de vista teórico

seja útil considerar as fobias respostas a exigências do mundo interior.

Depois de dar esse passo do mundo exterior para o interior, não nos surpreendemos mais ao encontrar incoerências na questão de saber e de não saber ou na questão de convicções. Os sonhos são um lembrete de que podemos acreditar em quase tudo. Alguma vez você já se disse, quando está sonhando, que “isto é só um sonho”? Ou já acordou e recomeçou o sonho de onde havia parado? Quando sonhamos, sabemos que estamos sonhando, ainda que exista convicção no que acontece no sonho. Sabemos e não sabemos ao mesmo tempo. Acreditamos num mundo cheio de objetos e experiências que não aconteceram, não acontecerão e não podem acontecer na realidade. Os filósofos discutem a veracidade da barba do rei da França (não existe esse rei da França), mas em nosso sonho a preocupação é mais com a sopa de ervilha que o rei sempre quer derrubar.

Se a mente abriga reis e príncipes que não existem, também abriga demônios e duendes. Nos sonhos das crianças vemos medos materializados, tomando

formas particulares mais coerentes com as representações públicas de mitos e contos de fadas. Veja estes sonhos de uma menina normal de 7 anos:

Sonho 1

Eu estava numa sala escura; era escura demais, mas eu enxergava mesmo assim. A sala era guardada por monstros e eu fugi com outras pessoas (eu era a chefe), mas todas as outras foram apanhadas. Corri para um beco, e havia uma porção de portas e de monstros por todos os lados. No beco havia uma velha bruxa. Ouvi dentro da minha cabeça: “Ninguém que passa por este beco retorna... Rá-rá-rá...”, então vi um clarão que iluminou o rosto da bruxa velha, que dava mesmo muito medo.

Sonho 2

Passei por uma porta. Era uma casa velha que parecia um museu. Quando entrei, tudo era amarelo e havia homens de macacão amarelo balançando em trapézios, e eles estavam rindo (de um jeito mau). No chão estavam todas as aranhas, e havia buracos onde as aranhas entravam. Continuei correndo, mas tropecei, caí e dei de cara com

uma aranha bem grandona – como uma aranha-rainha – e gritei.

Sonho 3

Eu estava sendo perseguida por alguma coisa e cheguei a um precipício. Achei que fosse cair, mas pulei e passei a voar. Voei horas. Foi muito divertido, e o sonho foi muito bom.

Não é surpresa ouvir sonhos cheios de bruxas, aranhas e monstros comilões. Poucos são tão desligados da infância a ponto de esses sonhos parecerem estranhos. A psicanálise veria na figura da bruxa uma representação da mãe – a “mãe má” que criamos na fantasia.¹³ Assim como as deusas da Antigüidade eram divindades tanto criadoras como destruidoras¹⁴, a mãe pode ser objeto de amor e ódio. As mães mudam sempre. Gostaríamos de imaginar que nada é mais estável do que a figura da mãe, à qual atribuímos uma sensação de segurança. No entanto, elas nos contradizem e atormentam, do mesmo modo que nos ajudam, consolam e protegem. As crianças amam a mãe, temem a mãe e temem pela mãe.

No famoso caso de Donald Winnicott, reproduzido no livro *The Piggle [Relato do Tratamento Psicanalítico de uma Menina]*, as figuras aterrorizantes do mundo do sonho passaram para o mundo real de uma menina de dois anos e meio. Após o internamento da mãe e o nascimento da irmã Susan, a personalidade de Gabrielle começou a mudar, mostrando uma angústia considerável e falta de liberdade ao brincar. Ela chamava os pais até tarde da noite, atormentada com fantasias cheias de detalhes, sem conseguir pegar no sono. “Ela tem uma mãe e um pai pretos”, contaram seus pais:

*A mamãe preta aparece para ela à noite e diz: “Onde estão as minhas batatas-doces?”. [...] Às vezes a mãe preta a põe no banheiro. A mamãe preta, que vive na barriguinha dela e com quem se pode falar pelo telefone, está sempre doente e é difícil que melhore.*¹⁵

Numa carta subsequente, o pai disse: “Na hora de ir para a cama era uma cena enorme – como agora acontece muito. Ela diz que tem medo de a mamãe preta vir atrás dela”.¹⁶ No entanto, se a “mamãe preta” só existe

na imaginação, se só é real internamente, vem a pergunta: do que a criança tem medo? “Ela parece estar sofrendo demais com o que antigamente se chamava sensação de pecado”, escreveu o pai.¹⁷

MECANISMOS PSÍQUICOS DA FORMAÇÃO DE FÓBIAS

Não deveria ter demorado tanto para se perceber o óbvio: que o que realmente assusta não é o objeto fóbico; e que a origem do medo está na mente. Só se poderia tirar essa conclusão com base na lógica quando se analisasse a diversidade de fobias. Veja esta lista resumida:

- Alodoxafobia** – medo de opiniões.
- Anemofobia** – medo de correntes de ar ou vento.
- Anaxofobia** – medo de desordem ou desarrumação.
- Automatonofobia** – medo de ventríloquos, bonecos, criaturas animadas eletronicamente, estátuas de cera; de qualquer coisa que represente um ser consciente.
- Batracofobia** – medo de sapos.
- Elotofobia** – medo de gatos.